

Que negro é esse que protesta? Um olhar sobre o protesto negro contemporâneo (2011-2022)

Palavras-Chaves: Protesto negro, movimento negro, movimentos sociais

Autores/as:

Leonardo Xavier do Nascimento | IFCH, Unicamp

Pedro Lima Martins de Souza | FAFICH, UFMG

Prof.^a Dr.^a Luciana Ferreira Tatagiba (orientadora) | IFCH, Unicamp

INTRODUÇÃO

Em um país marcado pela desigualdade racial e pelo racismo, e pela negação destes através da ideia de democracia racial (Gonzalez, 2022), os protestos são variados, mas muitos deles têm cor. No Brasil de maioria negra¹, mas também no Brasil do “somos todos iguais independente de cor”, como se caracterizam os protestos que denunciam as injustiças raciais em suas distintas dimensões? É esta pergunta que nos orienta e instiga, pois compreendemos a centralidade das pautas e reivindicações coletivas do protesto negro para a construção de um novo paradigma de mundo.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma caracterização do protesto negro brasileiro, no período de 2011 a 2022. Para este fim, discutimos, primeiro, como parte da literatura compreende e estuda o protesto negro no contexto brasileiro (Rios, 2012; Fernandes, 2017; Domingues, 2007; 2008) e, em seguida, propomos, a partir do diálogo com estes,

uma concepção de protesto negro própria, caracterizada principalmente pelas demandas e pautas situadas em contexto racialmente informados.

METODOLOGIA

O banco de dados utilizado na construção desta pesquisa é formado por notícias de protestos publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 2011 e 2022. Este compõe o Projeto LaProtesta_Brasil² (Tatagiba e Delgado, 2023) e é pensado a partir da metodologia de Análise de Eventos de Protestos (AEP).

A AEP é uma metodologia criada no campo de estudos de movimentos sociais, que consiste na produção de um catálogo de eventos de protestos a partir da definição de um conjunto de variáveis vinculadas às perguntas da pesquisa. Tal

¹ G1. Total de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas cresce no Brasil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-crece-no-brasil-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: mai. 2024.

² No Brasil, os dados provêm inicialmente da pesquisa “Protestos no Brasil”, fruto de uma parceria entre o Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC) e o Centro de Estudos Marxistas, CEMARX, ambos sediados na Universidade Estadual de Campinas. O INCT- Instituto da Democracia e da Democratização das Comunicações integrou-se à iniciativa e contribuiu para que o banco de dados fosse atualizado para o período 2011-2022. Integram a iniciativa o Observatório de Conflictos em Chile (COES) e o Observatório Protesta Social da Argentina.

metodologia tem afiliações teóricas à teoria da política contenciosa (Tarrow, 2009), o que orienta o foco da pesquisa e das variáveis coletadas na pesquisa para o perfil dos atores coletivos (a base social), a quem destinam seus clamores (alvo do protesto), o que buscam ou como enquadram seus clamores (demanda) e quais repertórios de ação empregam (tipo de protesto).

Para definir os protestos negros, fundamentados na literatura e nas implicações empíricas de raça em contextos específicos, aplicamos filtros e realizamos consultas no banco de dados geral³ em Access para criar um sub-banco de dados contendo apenas protestos negros. Adicionamos uma coluna na tabela geral para identificar protestos explicitamente relacionados a questões raciais e aqueles que necessitam de uma avaliação mais detalhada, baseando-nos nos filtros aplicados.

Os filtros foram elaborados a partir de conteúdos encontrados em variáveis específicas do banco. Na variável "grupo social desagregado que protesta", selecionamos registros que mencionavam 'negros', 'quilombolas', 'moradores/vizinhos', 'familiares e amigos de vítimas', 'defensores dos direitos humanos' e 'imigrantes'. Com base nessas seleções, analisamos as demandas apresentadas, verificando se estas se enquadravam no escopo considerado para protestos negros.

Na variável "demanda do protesto", selecionamos registros com informações que indicavam possível relação com protestos negros, mesmo que não fossem realizados explicitamente com esse enquadramento. Para esses casos, foi necessário acessar a notícia do protesto para entender

melhor o contexto, quem convocou, os atores participantes, as demandas e o alvo do protesto.

Esse processo exigiu, entre outros procedimentos, o acesso ao Acervo Digital da Folha de S. Paulo, especialmente em casos onde as descrições das demandas no banco de dados não foram suficientemente elucidativas. Como resultado dessas análises, identificamos um total de 205 protestos negros registrados no banco de dados LaProtesta_Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização do protesto negro

O significado do protesto negro é objeto de debate e possui diferentes interpretações. Florestan Fernandes (2017) oferece um marco teórico importante, entendendo o protesto negro de forma ampla como quase toda ação coletiva contra a discriminação racial. Para Fernandes, quando levado ao extremo, o protesto negro pode constituir um sujeito revolucionário. No entanto, não se deve descartar as possibilidades de protestos negros que não sejam revolucionários ou que se mobilizem por outras demandas históricas, como exemplificado pela Frente Negra Brasileira (Domingues, 2007).

Por outro lado, Flávia Rios (2012), sob a Teoria do Processo Político (Tilly e Tarrow, 2015), define o protesto negro como um repertório de um movimento social, caracterizado por eventos públicos de confronto, como marchas e ocupações, que visam chamar a atenção da sociedade e do Estado. Rios (2012) destaca que "atos públicos são fontes privilegiadas para apreender o movimento como um todo: as alianças, as bandeiras, os oponentes, as organizações, as lideranças, os símbolos, as identidades coletivas e os discursos" (p. 42).

³ Tabela em que contém o registro de todos os eventos de protestos levantados entre 2011 e 2022.

Embora a perspectiva de Rios seja importante, defendemos, neste trabalho, que é necessário ir além, considerando o grupo social que protesta, mesmo que não construa um movimento social. Assim, o protesto negro deve ser compreendido tanto como um repertório de movimento social quanto a partir das articulações e reivindicações cotidianas dos protestantes, sejam elas posteriores a um movimento organizado ou não.

Além disso, é relevante considerar protestos de outros grupos sociais que demandam pautas do movimento negro, como estudantes protestando contra o racismo nas escolas. O protesto negro abrange diferentes grupos sociais, mas todos compartilham um contexto onde a raça é central, reforçando a multiplicidade dos protestos negros. Grupos como "Moradores/Vizinhos", "Mulheres" e "Famíliares e Amigos de Vítimas" são incluídos como protesto negro quando suas demandas são racialmente informadas.

Ao analisar o protesto negro, consideramos não apenas a raça dos protestantes, mas também o contexto racial das demandas. Assim, protestos que denunciam violência racial, genocídio da juventude negra, desrespeito a comunidades quilombolas ou violência policial, são considerados protestos negros, refletindo interseções com outros marcadores sociais (Collins e Bilge, 2021).

Frequência dos eventos de protesto negro

Para traçar um perfil dos protestos negros de 2011 a 2022, analisamos todas as notícias de protesto na *Folha de S. Paulo* que se enquadravam como protestos negros. Embora as frequências históricas no Gráfico 1 não representem a totalidade dos protestos negros, elas indicam aqueles que obtiveram maior visibilidade midiática. Destacam-se o aumento de protestos a partir de 2018, com pico

em 2020 e queda em 2022, marcando uma onda de protestos relacionada a episódios como os assassinatos de Marielle Franco e João Alberto Freitas. Este cenário de violência racial define o período, com demandas e alvos específicos dos protestos ganhando destaque na mídia, incluindo casos como o de Amarildo em 2013. Cada momento histórico poderia ser estudado detalhadamente, mas, para nosso objetivo, analisamos o quadro geral das demandas e a quem os protestos se endereçam, argumentando que os períodos de maior frequência e amplitude dos protestos coincidem com sua organização por movimentos sociais.

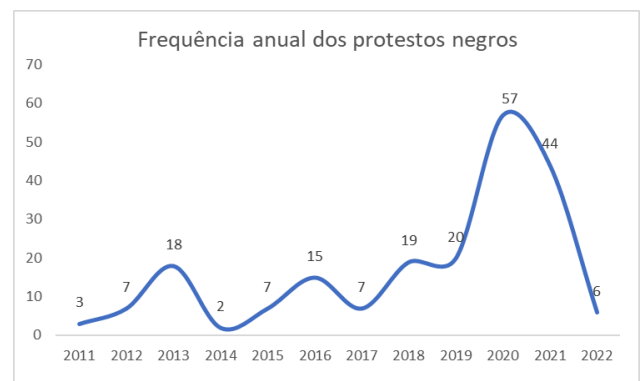


Gráfico 1 - Frequência anual de notícias de protesto negro. N° = 205

O protesto negro organizado

Propomos a ampliação do conceito de protesto negro, considerando dados que indicam a existência de eventos ligados a questões raciais, mas com baixa participação de organizações do movimento negro. Entre os 205 protestos negros registrados de 2011 a 2022, apenas 54 foram organizados ou contaram com a participação de alguma organização, como citado pela *Folha de S. Paulo*. Principais organizações incluem a Coalizão Negra por Direitos, o Movimento Fora Bolsonaro, os Artistas e o Movimento Negro Unificado. Protestos com maior capilaridade, geralmente promovidos por organizações, ocorreram em múltiplos estados, enquanto 132 protestos ocorreram

em apenas um local, frequentemente em resposta à violência policial nas periferias. Estes últimos, muitas vezes organizados por familiares e amigos das vítimas, refletem a baixa adesão de organizações do movimento negro, mas são significativos no contexto dos protestos negros. Dessa forma, sugerimos a existência de protestos negros organizados, com maior visibilidade e capilaridade, e desorganizados, com menor escala mas de importante impacto local.

Capilaridade dos Protestos Negros - N° = 205		
Abrangência	Número de Protestos	Porcentagem
Um Estado ⁴	132	64,3%
Vários Estados ⁵	46	22,3%
Metade ou todos os Estados ⁶	27	13,17%
Total	205	100%

Tabela 1 - Capilaridade dos protestos negros

Demandas e alvos do protesto negro

Pensar a particularidade do protesto negro envolve entender suas demandas e a quem elas se direcionam. No contexto racial brasileiro, protestos negros frequentemente indicam um cenário de violência racial, descrito por muitos como genocídio (Ramos, 2021). As principais demandas, como Justiça e Direitos Humanos (28,4%), demandas raciais (22,5%) e demandas por Segurança Pública (20,9%), somam 71,8% dos protestos negros, refletindo a luta pelo direito à vida, à justiça e à segurança em uma sociedade onde vidas negras são constantemente ameaçadas. Exemplos incluem a

⁴ Protesto que teve lugar em um só estado.

⁵ Inclui protestos realizados em dois ou mais estados da federação. O teto é menos da metade dos estados (12).

⁶ Quando há informação de que o protesto ocorreu em mais da metade dos estados (mais do que 12) ou quando a notícia informa, mesmo que de forma genérica, que o protesto ocorreu em todo o país. Neste caso, ao menos metade dos estados estão mencionados.

mobilização por justiça para Amarildo em 2013, homem negro vítima da violência policial, e para Marielle Franco em 2018, assassinada enquanto vereadora da cidade do Rio de Janeiro.

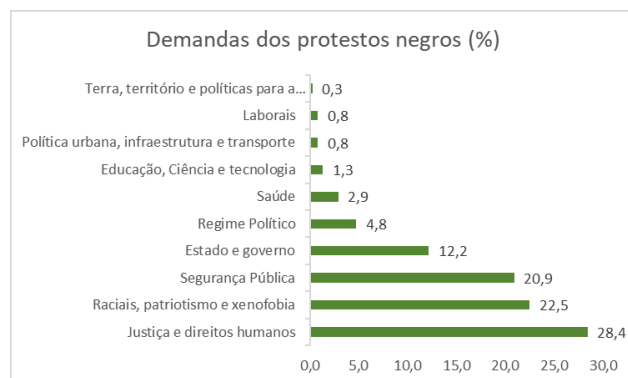


Gráfico 2 - Demandas dos protestos negros. N° = 378, *variável múltipla

As demandas dos protestos negros também estão interligadas aos alvos a quem se dirigem. Os protestos se direcionam principalmente à Polícia e forças de segurança (28,4%), ao Governo Federal (25,5%) e a grupos da sociedade civil (24,7%). Estes alvos podem ser vistos como responsáveis pelos problemas ou como necessários para a solução deles, e, em alguns casos, como futuros aliados. Quando endereçados ao Estado, os protestos responsabilizam o governo pela violência e falta de segurança pública, especialmente em relação ao genocídio da juventude negra. Por outro lado, direcionar-se à sociedade civil busca tanto aliados para a luta contra o racismo quanto denuncia os racistas como inimigos da democracia (Ercan; Asenbaum; Mendonça, 2023).

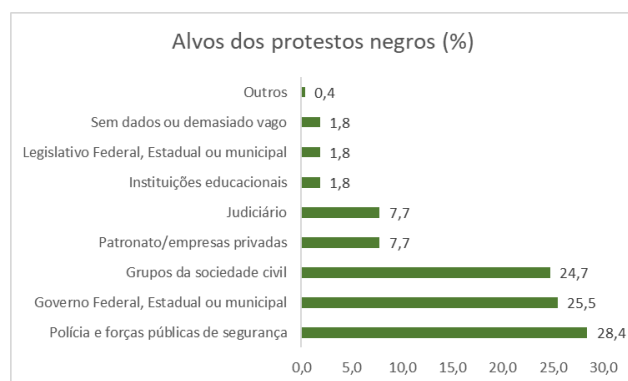


Gráfico 3 - Alvos dos protestos negros. N° = 271

Para compreender como os protestos negros constroem sentidos a partir de suas demandas e alvos, é necessário analisar além dos repertórios históricos e estruturais de protesto, focando nas performances e na direção dessas ações para diferentes audiências com objetivos diversos (Pereira e Silva, 2020). Este exercício, no entanto, excede o escopo da presente discussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporciona uma análise inicial e provisória sobre os protestos negros no Brasil entre 2011 e 2022, destacando padrões, subtipos e, em alguns casos, contextos desses eventos. Observamos que a maioria dos protestos negros ocorre de maneira independente de movimentos organizados, mas aqueles organizados tendem a alcançar maior capilaridade. As demandas desses protestos centram-se em questões de segurança pública, justiça e direitos humanos, direcionando-se principalmente ao Estado e à sociedade civil como alvos. A partir dessa caracterização, identificamos duas direções principais para os protestos negros: organizados e 'desorganizados', com influências de marcadores sociais como gênero, classe e território.

Como um caminho a ser percorrido, vemos que é necessário explorar de forma mais minuciosa os eventos de protestos negros com menor visibilidade midiática, potencialmente utilizando fontes alternativas documentais além do que descrevem os jornais, como a tentativa de interpretação de imagens, a busca por informações de mídias sociais e até entrevistas com lideranças. Além disso, investigar a relação entre a capilaridade dos protestos e a participação de organizações do movimento negro pode oferecer contribuições a respeito desses movimentos e sobre a eficácia e o impacto de suas lutas, bem como saber quais

bandeiras têm priorizado, ante a uma sociedade marcada profundamente pelo racismo e pelas desigualdades sociais. Por fim, um estudo comparativo entre protestos negros e outros tipos de protestos no Brasil pode revelar interseções e divergências importantes, contribuindo para uma compreensão mais abrangente acerca da atuação dos movimentos sociais no país ao longo da última década.

BIBLIOGRAFIA

- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2021.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, v. 12, p. 100–122, 2007.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos**. Dimensões, n. 21, 20 dez. 2008.
- ERCAN, S. A.; ASENBAUM, H.; MENDONÇA, R. F. **Performing Democracy**. Performance Research, v. 27, n. 3–4, p. 26–37, 19 maio 2022.
- FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Expressão Popular, 2017
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na sociedade brasileira**. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- PEREIRA, M. M.; SILVA, C. F. DA. **MOVIMENTOS SOCIAIS EM AÇÃO: REPERTÓRIOS, ESCOLHAS TÁTICAS E PERFORMANCES**. Sociologia & Antropologia, v. 10, p. 615–645, 30 out. 2020.
- RAMOS, Pedro C. **Gramática negra contra a violência de Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 22 fev. 2021.
- RIOS, Flávia. **O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010)**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 41–79, 2012.
- TARROW, Sidney. **Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político**, Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.
- TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andréia. **Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016)**. Opinião Pública, Campinas, v. 25, n. 1, pp. 63-96, jan-abr. 2019.
- TATAGIBA, Luciana; DELGADO, Priscila. **Livro de Código do Banco de Dados “La Protesta: Brasil”**. Campinas/Belo Horizonte, 2023.
- Tilly, Charles & Tarrow, Sidney. (2015). **Contentious Politics**. 2 ed. New York: Oxford University Press.